



Visado pela Censura do Porto OBRA DE RAPAZES, PARA RAPAZES, PELOS RAPAZES Ano V - N.º 122 Preço 1\$00

Redacção, Administração e Proprietária - Casa do Galato | Director e Editor: - Padre Américo | Comp. e Imp. Tip. Nun'Alvares-R. Santa Catarina, 628-Porto

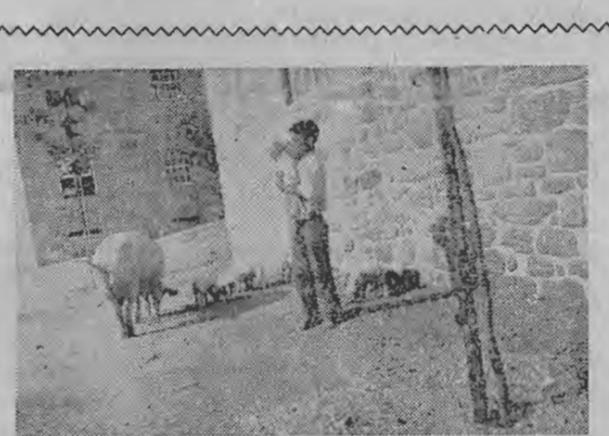
"LARES DO DR. BERNARDO"

Esta conferência feita por alguém e lida algures, é um actual documento de rebete à opinião dos que são pelas obras do Estado contra as da iniciativa particular, em matéria de assistência ao nosso Semelhante.

coloriam o seu ideal, se elevar calorosamente numa importante reunião, mostrando a neçura da parte oriental de Londres e a necessidade de a sanear, dando-lhe habitações condignas, pão e instrução, a par de ensinamentos cristãos.

chefiava o movimento das escolas para pobres entre os mais pobres (Ragged Schools). Até ele mesmo, ficara surpreendido ante algumas declarações do orador.

TODOS nós sabemos que a Grã-Bretanha timbra em aperfeiçoar mais e bem mais, os seus serviços sociais. São numerosas e variadas as casas de beneficência espalhadas pelos seus condados - daí a razão porque só acidentalmente se encontra um mendigo em qualquer dos seus cantos ou recantos.



O Arouca dos porcos ameaça um enquanto vigia os outros

Final, para que saír de um país onde havia tanto a fazer?! Sim, a China precisava muito de ser evangelizada - mas sê-lo-ia!

-Em Dublin, em 1845, nasceu Thomas John Bernardo - o benemérito que, durante a sua não longa vida, arrancou da miséria e preparou para a vida, 60.000 crianças desvalidas.

NOTA DA QUINZENA

-Em 1870, dr. Bernardo recebeu 1000 libras de Mr. Samuel Smith, para fundar o primeiro «Lar para rapazinhos desvalidos».

Olhamos esta cifra, olhamos esta protecção monumental, olhamos a obra que ficou e se alarga dia a dia e ficamos presos à grandeza e persistência da alma desse homem que levou o público e o governo do seu país a cuidar atentamente, do magno problema da protecção à criança.

Vinha nos jornais que em Cacem, fôra encontrada uma creança de uns dois meses de idade e esta entregue pela policia à Misericórdia de Sintra. Eu gostava de ver estes casos num Fundo sério dos jornais que os publicam, ou ao menos, a seguir à notícia, um reparo, um aviso; qualquer coisa como se faz nas estradas de ferro, para furtar à morte os incautos e aqui, os inocentes.

-A Obra tem o seu govêrno central em Londres, no 1.º Lar fundado pelo médico que, cansado de lutar por nobilíssima causa, mas sentindo-se bem feliz, morreu com 60 anos, na 1.ª década deste século. Os outros «Lares», têm a sua administração mais ou menos com movimentos livres, mas sujeita ao «coração» da obra. Tem creches, jardins-escolas, escolas primárias, técnicas, navais, agrícolas, escolas para futuros emigrantes, hospitais e consultórios dentários, toda a aparelhagem de radiologia, etc, etc, somente para os habitantes desse pequeno mundo criado pelo dr. Bernardo.

Naturalmente admirado, o professor aproximou-se daquele frágil rebento humano e fez-lhe várias perguntas - apurando finalmente, que o infeliz pequeno não tinha casa nem família. Jim Jarvis, assim se chamava o desvalido, dormia geralmente sub-Jave. Mas nem só Jim tinha essa desdita. Como ele havia muitas outras crianças sem eira nem beira, a dormir em valetas, em carros de palha ou feno (quando tinham a sorte de os encontrar!), debaixo de pontes, etc.

(Continua na 2.ª página)

AQUI, LISBOA

"LARES DO DR. BERNARDO"

(Continuação da 1.ª página)

Lamentava ha dias um páreco, a situação dos seus Pobres e pedia a um dos nossos padres que olhasse por eles, já que a papelada paroquial lhe roubava todo o tempo disponível.

Entendo que nada perderíamos se fosse possível voltar à simplicidade dos tempos apostólicos. S. Pedro invocaria a inspiração do E. S. sobre uma dúzia de diáconos, para que lhe não faltasse o tempo para a oração e para a palavra de Deus.

As ruas, as praças, os telhados, as prisões, os barcos, as carroças e até os templos pagãos são testemunhas do orador apostólico no ministério da palavra. Podemos hoje dizer, como nesses tempos, que os cegos vêem, os côxos andam, os mortos ressuscitam e os pobres são evangelizados? Pobres dos Pobres que até nisso são esquecidos! Eis o testemunho dum chaufeur da praça de Lisboa.

Eu vinha a caminho da capital depois duma ausência de quatro dias. Quem tem uma casa cheia sabe o que é a ansiedade de regressar a ela. Ao descobrir o jornal, dou com a notícia da morte do Doutor Cruz. Não queria passar por Lisboa sem me despedir dele. Só tinha vinte minutos de intervalo.

No Rossio faço alto ao primeiro taxi.

—Sabe onde está o Sr. P.º Cruz?

—Então não havia de saber: andei tantas vezes com ele de carro...

—Para lá depressa!

Mai o carro se pôz em andamento, entabulámos conversa. E' o chaufeur que principia:

—V. parece-me Santo António lá da minha igreja. Já viu?

—Homem, não tenho tempo de andar pelas igrejas.

—Então o sr. prior é padre, e não vai às igrejas?

—Vou, quando é necessário, mas a minha missão é outra: é nas ruas.

Muito intrigado não desarma enquanto lhe não falei da obra, das crianças abandonadas e das oasas que as vão salvando do banco dos réus etc. Depois, fala ele sem interrupção.

Fala do P.º Cruz, do seu apostolado nas cadeias, da intervenção dele a favor dos pecadores, da generosidade para com os Pobres, caridade para com os doentes e sobretudo do desprezo e desprendimento dos bens do mundo. «Era de padres assim que nós precisávamos. Prêgar nas Igrejas vale pouco. Interrompeu uns momentos enquanto entrei na capela do palácio Caldas, onde se encontrava o santo velhinho, a dormir, sorridente, o seu último sono. Beije aquela mão que tanto dinheiro repartiu à mistura com bençãos do céu, e voltei ao taxi para nova correria. E o homem recomeça:

«Os que vão hoje à igreja são os que menos precisam. Aqueles, que, como eu, não tem vida para lá entrar, não tem moral nenhuma. E' por isso que os meus colegas são quase todos uns comunistas. Eu era como eles, se não fosse um dia o P.º Cruz. Fui levá-lo não sei onde, e, à despedida, ele disse-me três ou quatro palavras. Fiquei melhor.

Que bem me fizeram! Comecei a sentir fé. E é o que me tem valido.

«Num ano morreu-me a minha santa esposa, um filho de vinte e um anos e uma filha de dezanne. Tenho outro num sanatório. Três facadas na mesma ferida... Estou só!

«Todos os dias chorn. Meus colegas admiram-se como é que não endoideci. E' a fé que me dá forças».

Li quase todos os jornais que falavam do P.º Cruz. Nenhum depoimento me comoveu como o deste homem iletrado.

Nunca me há-de esquecer esta cena que profundamente me sensibilizou: um chaufeur, a cincoenta à hora nas ruas estreitas e coalhadas de veículos e pedões com uma das mãos ao volante e a outra a limpar as lágrimas, discorrendo ao mesmo tempo sobre a força da fé, o valor da esmola, a glória do padre desprendido.

Vinte minutos cheios. Para os viver, valeu a pena deixar a família, as terras, o dinheiro, as comodidades — tudo.

O mundo quer ver *Padres Cruzes*, para acreditar. Menos cartório, menos sacristia: ir ao povo, ir aos becos, às furnas, cadeias, hospitais. Lá nos reconhecerão por discípulos d'Aquela que passou fazendo o bem.

Foi assim o P.º Cruz; daí o espanto do mundo.

* * *

Chegaram os dois orfãoszitos, de 4 e 7 anos, que as Autoridades guardavam junto da cadeia, até lhe darem rumo definitivo.

A tragédia da vida destas crianças denuncia a desordem que por aí vai no problema demográfico da população.

Quantas famílias que nas suas terras podiam viver pobre mas honestamente, seduzidas pela miragem da capital, vem encontrar aqui a dissolução e a ruína completa.

O Concelho de Louros, por abranger a parte

norte da cidade onde se encontram as principais entradas de Lisboa, é filtro de muitos casos destes.

Os pequenitos devem ter nascido em Viseu onde foram registados; os pais vieram por aí abaixo à procura de fortuna.

Antes de atingirem a cidade, a doença bate lhes à porta. Em curto espaço morreram os dois no hospital. Os orfãoszitos recolhidos pelo regedor, são entregues ao administrador que os manda lavar e vestir e por fim os vem trazer no seu automóvel.

Com as crianças, Sua Ex.ª trouxe-nos também o auxílio da Câmara: 4.000\$00.

Esta oferta espontânea, junta a muitas outras provas de simpatia o oportuno auxílio, que já aqui mencionamos, muita honra as Autoridades Administrativas que tão bem compreendem os direitos da criança.

Porque nos não havíamos de entender bem se todos trabalhamos «a bem da Nação».

* * *

Acabaram as férias. Assim o prova o aumento de visitantes e donativos.

Outubro abriu com mil escudos dum visitante da Cruz Vermelha. «Isto é para a alimentação e vestuário das crianças—dizia ele—para obras o Estado que dê».

Pouco depois o Director dum grande diário deixou 100\$00 e o companheiro um sacco de grão de bico.

Uma senhora, a. ver os batatas e as suas camitas tirou da malinha um lenço para enxugar as lágrimas e 500\$00, para nós enxugarmos as de mais batatas. Prometeu voltar. Outros visitantes, mais pobres, entregaram 100\$00 com o desejo de que Lisboa em peso aqui caísse para não faltar aqui nada.

Os empregados da Sociedade de Produtos Lácteos continuam a desobrigar-se com 385\$00 mensais e os da Vacuum 1.155\$00. Sem leite nem gasolina o mundo parava. Sem o amor pelo próximo, o mundo golava, desaparecia.

A Casa C. Santos abriu as portas aos nossos vendedores. O Octávio deixou 30 «Gaiatos» e trouxe 228\$00 logo no primeiro giro.

Num passeio a Bucelas, o príncipe recolheu 32\$00 e de algures mais um enxoval completo com roupa de cama e tudo para um gaiato.

A'quele mãe portuguesa que no Montepio deixou mel e muitas outras coisas, a gratidão de todos nós. Foi uma consoladela! Cumprindo promessa, dez escudos numa oarta; 200\$00 para duas missas; Uma joia e 40\$00 Estes votos tem a consagração da Escritura: *deixar a esmola no seio do pobre e ela pedirá por ti.* Não assim aqueles que se fazem dos bemaventurados.

Mais visitantes com 500\$00, 90\$00, 50\$00, 20\$00, e pacotes de roupa. Numa das ruas de Lisboa um senhor barrava-me a passagem:—Mande buscar à rua X. Era uma coleção de magníficas peças de vestuário. Quis saber quem era.

—Não importa. Sou um Tripeiro.

—Logo vi.

P.º ADRIANO

Do que nós necessitamos

Eu tinha um mundo de coisas a dizer, com referencia a um mundo de coisas de que temos precisão. Tinha, sim senhor. Tinha, mas não digo nada. Os cronistas do numero passado meteram-me medo sobretudo o do Lar de Coimbra, que se assina *Todos nós*. Eles, por si mesmos, levariam Portugal á gloria, se os deixassemos continuar a pedir. Não porque pedem, mas sim porque na verdade lhes dão, e desta sorte, teriamos dentro em poucos anos uma obra rica no meio de um povo pobre. Ora aqui é que está. Eis a razão que me leva a fazer hoje pausa no já muito conhecido, amado e acreditado *Do que nós necessitamos*, limitando-me somente a dizer que aquele visitante que num destes domingos deixou ficar um grande pacote de medicamentos, deu no vinte. Ele ligaduras, ele água oxiginada, ele sabonetes, ele adesivo,—uma autentica riqueza! Temos assegurado a cura das credelas. Os nossos enfermeiros, agora, são tudo prata de casa. O encartado foi-se embora. O *Chefe*, 17 anos, tirocinou no Porto e é o que dá cartas. O *Zé da Lenha* e o *Molestia* e o *Pintarrocho*, seus ajudantes, são os que baralham e os doentes, os que gemem. Espera-se que não haja casos fatais. Vamos a vêr.

Visado pela Comissão de Censura

lhes falta para viverem independentemente. Alem disso, há vários outros «Lares» para levar a efeito, com maior eficácia, a protecção após a saída.

Essas instituições dirigidas também por funcionários especializados, são uma espécie de club, com cantina etc, onde se reúnem ex-pupilos dos «Lares do dr. Bernardo». Evidentemente que os rapazes e raparigas desses beneméritos estabelecimentos, tal como todos que saíam de asilos e reformatórios, precisam de auxílio consciencioso post-saída, visto que sem conhecerem bem o mundo, perder-se-iam facilmente, se não tivessem umas asas protectoras durante os primeiros tempos da sua nova e independente vida. Se se desempregarem, não ficarão na rua à mercê das intempéries da terra e da maldade dos homens. Terão a sua espécie de casa confortável, acolhedora, a sua espécie de família, cujo coração vibrará um pouco ao ritmo do seu, e ainda alguém que os ajudará, de boamente e sem cessar, na procura de um lugar em substituição desse outro perdido.

A maior parte dos educados nos «Lares do dr. Bernardo» tem sido bem sucedidos na vida, e muitos deles ocuparam ou ocupam, lugares de grande destaque quer na Inglaterra ou no estrangeiro—principalmente no Canadá e Austrália. Um deles por exemplo é o caudilho da opposição no Parlamento Federal da Austrália; outro é director do «Parks Music», e assim por diante. Todos eles porém, quer em lugar de relevo ou não, jamais esquecem a dívida de gratidão e homenagem a esse admirável sociólogo que se chamou Tomaz João Bernardo. Nem tão pouco esquecem o auxílio monetário que possam a prestar á obra que os acarinhou, fortaleceu moral e fisicamente e preparou para entrarem na sociedade, como pessoas de bem, uteis a si, ao próximo e á pátria.

Um deles, em tempo piloto de mar em Singapura, por exemplo, venceu bem esse auxílio e gratidão, legando uns milhares de libras aos «Lares do dr. Bernardo», os quais foram empregados na construção dum novo «Lar» em Southborough, Kente.

UMA CARTA

Sou ainda um rapaz muito novo, e cheio de boa vontade. Sou médico, licenciado apenas este ano; encontro-me em Lisboa a iniciar a minha difficil carreira, cuja terra, para os pobres, é apenas fertil em desilusões.

O Rapaz continua a dizer na carta que também tem experimentado muitas desilusões, *mas quanto mais as soffro, mais me debruço sobre a miséria alheia.*

Dêce maneira de curar as feridas próprias; sentir as dos seus irmãos. *Debruço-me.* Oh refúgio dos refúgios! Não desespera. Não discute. Jamais será um revoltado,—porque bem refugiado. Tão moço e já comprehende o Mundo! E' uma graça do Céu.

Proseguindo, o Rapaz médico apresenta na sua carta um caso dos muitos que aqui nos chegam e êle há-de necessariamente encontrar pela vida fora: *Este petiz que tão cedo conhece a desventura.* E pede por ele. Interessa-se por ele.

Ora a gente não tem lugar aqui em Paço de Sousa, sim, mas eu passei a carta ao Padre Adriano, a ver se êle pode fazer algo no Tojal Nunca assim faço. Leio as cartas de cada hora e passo à frente; elas são tantas! Oiço os recados que aqui me trazem e passo à frente; eles são tantos! Porém, com o pedido deste que está iniciando a sua carreira, a êle não. Vai-se tentar. Vamos a ver. E' um médico novo, *de boa vontade*, e já iludido. A carta não o diz, mas a gente supõe: Bateu à porta apetrechado, bem munido, confiante e não o deixaram entrar. Pior. Outros entraram. Pois é preciso ajudá-lo, não venha ele a desfalecer. Dar-lhe o viatico. Que ele conheça os homens com a luz do Evangelho, para mais facilmente desculpar e amar.

Casa do Gaiato de Lisboa

Ontem o Amadeu Elvas, estando a falar comigo revelou que Lisboa já passou a perna ao Porto, para usar aqui o pitoresco da sua linguagem. Queria êle dizer que já temos mais assinnantes naquela cidade do que nesta. Êle é imparcial nas informações, por não ser duma nem d'outra. É natural de Elvas. Mais difficil seria um dos do Porto dar-me aquela noticia. Nós somos todos assim. Nem com números à frente!

Pois é verdade. Temos Lisboa a esfregar os olhos. Se muito nos lê, é que muito se interessa; daí a nossa fundada esperança.

Nós pretendemos dar á Casa do Tojal uma feição profundamente agricola.

O tamanho da quinta, a exuberancia do terreno, a proximidade de Lisboa, a facilidade de venda dos nossos produtos; pretendemos dar á Obra uma feição agricola.

Mais. Mais e melhor. A imensa alegria

(Continua na ultima página)

Isto é a Casa do Gaiato

em disso, em maior
cionários
tina etc.
ernardo».
es bene-
saiam de
cencioso
mundo,
asas pro-
nova e
cardo na
dade dos
acolhe-
prará um
adará, de
m substi-

dr. Ber-
os deles
que quer
Canadá
da oposi-
director
e porém,
a dívida
logo que
o esque-
obra que
preparou
n, uteis a

ura, por
ando uns
os quais
Lar» em

o, e
enciado
a a ini-
para os

ue tam-
es, mas
sobre a

próprias;
ze. Oh
ão dis-
ue bem
Mundo!

enta na
os che-
ar pela
hece a
por ele.

Paço de
Padre
o Tojal
da hora
os reca-
te; eles
ue está
e tentar.

da von-
mas a
o, bem
Pior.
lo, não
Que
ngelho,

boa

a falar
rna ao
lingua-
is assi-

Ele é
na nem
il seria
a. Nós
frente!

esfregar
se inte-

al uma
do ter-
dade de
ps dar à

alegria

PRESA DOS QUE GANHAM
CABELO E BARRA E BRILHA
ANTINA 2000
SO CABELLO 1400
BARBA E BRILHA ANTINA 1000

PEÇO DA CASA DO GAIATO

BARBEIRO DOS GAIATOS
MOREIRA
DE RIQUIET

UMA pequenina explicação: *Piri-quito*, fez por suas mãos a tabela dos pregos e colocou-a no lugar dos anuncios, que é o espelho da loja. O primeiro freguês que lhe apareceu, deu fé da bota dos 2000. O rapaz emenda para 2000, mas como a garatuja lhe tivesse parecido mal, ele resolveu substituir o documento. Um colega fez-lhe outro, que se encontra actualmente no sítio próprio, e o original, o das garatujas, está aqui. E' hoje a primeira vez que se faz ao mundo a revelação do nome verdadeiro do *Piriquito*. E' ele mesmo que a faz. A letra é do seu próprio punho: *Moreira*. Senhor António Moreira, nado na Granja, aonde foi terror até aos 13 anos de idade e era o *Piriquito*.

Ora vamos hoje a uma lição que o Moreira nos dá. Todos os leitores conhecem de sobejo as diabruras do rapaz, pelo muito que se tem aqui falado delas, mas fique-se sabendo que muito mais são as que nunca se disseram. Ele foi absolutamente o da camisola amarela neste capítulo.

Noutro dia, porém, eu sai pela tardinha e dei com o Moreira na loja do barbeiro da terra, aonde ele aprendeu o officio e agora dá dois dias de trabalho por semana. Estava encostado à ombreira da porta. Ao regresso a casa, uma hora depois, encontro o Moreira na mesma posição. Fiz alto e disse-lhe que viesse merendar comigo, pois eram horas.

— Não posso.

— Não podes?

— Não, que pode vir algum freguês e eu tenho de estar para o atender.

Fiquei tão contente, que me retirei muito a modinho, sem nada dizer. Estava ali a lição. Dos 13 aos 18, ele foi o que tinha de ser. Hoje, é o que deve de ser. Que fizemos nós para o corrigir? Nada. Nem ele nunca necessitou de correcção. Espetamos pela idade. Demos tempo ao tempo, ele amadureceu e hoje dá fruto: *Tenho de estar*.

ONTEM foram os dois estudantes para Coimbra, Zé Eduardo, o muito falado de outros tempos, por traquina, e o Carlos Inácio, o do Boa Vista. Este, fritou-me por uma caneta: *Ande lá compre-me uma caneta*. Como os dias se iam aproximando e ele sem ver jeitos d'ela, vai ter comigo:

— Então a caneta?

— Não tenho nenhuma nem sei onde a hei-de ir buscar.

— Está um macaco nos Clérigos a rilhar nelas.

E explica, por gestos, de como o macaco faz. Pois nem assim. Foi-se embora sem caneta. Zé Eduardo, esse tinha também a sua pretensão. Coisa mais séria. Como fazia anos justamente no dia da partida, queria um relógio. Tave a mesma sorte do companheiro: Zero. Assim tem de ser, até que eles atinjam a idade de estimar as coisas. Antes dêse tempo, faz mal quem lhes der coisas. Em Coimbra há a *Cabra*, que dá horas a toda gente. Pronto.

Levaram a minha mala com a roupa

d'elles. A unica coisa que eu tinha de quando andava por lá...! Lá iam os rótulos de hotéis famosos...! Tudo morre. A mala vai-lhes morrer na mão. Duas viagens e... disse. Nada resisto! O tacho grande da cozinha que parecia blindado, já tem um buraco no fundo, de tanto rapar. Colheres, não se fala. Vieram ontem 6 duzias delas.

Mala na mão do Zé Eduardo, e aí vai uma procissão atrás dele: *O armante tira os rótulos*. Mas ele não lhe mexeu. Dois companheiros hoje, em Coimbra, foram ontem dois companheiros em Ramalde...! Duas Universidades. Vamos a ver.

UM destes dias esteve cá alguém de visita, e deixou sobre a mesa do meu escritório um pacote. Abri. Continha livros. Muitos livros da Coleção *Salta Pocinhas*. Eu mesmo me interessei pelo seu aspecto e originalidade. Até este ponto, não há mal nenhum. Acontece, porém, que a notícia da presença dos ditos corre na aldeia e os mais curiosos dão em procurá-los. Um destes foi o Ernesto, agora refeiteiro. Trazia na algibeira *O Castigo do Zé Lobo*. A' mesa, em vez de comer, ocupava todo o tempo com a leitura da história e a sua obrigação deixava muito a desejar, a pontos de chegar a hora e estarem as mesas por pôr. Agora não. Tirou-se-lhe o livro; o *Zé Lobo*.

O Amadeu que teve 15 dias de férias, passou metade na sua terra natal, Elvas, e o resto do tempo passou-o aqui. Oito dias aqui. Tirou o seu fato melhor, pediu na rouparia coisa mais pobre, e instalou-se. Ficava num quarto da casa mãe contiguo àquele aonde eu durmo. Um dia, ao passar, oiço barulho dentro. Eram horas de café. Amadeu estava ocupado com uma grande tejava de leite e esta sobre um prato e ao pé, obra de um quilo de borã. Estavam mais três rapazes; um que lhe trouxera o leite e dois que o acompanharam. O rapaz aguardava o leite.

— Que tens tu?

— Estou doente!

Doente, sim. Muito doente. Falta de appetite...!

O Amadeu trouxe-me este ano duas caixas de pasteis de mimo, uma especialidade de Elvas. E' uma senhora que as oferece. Já assim foi o ano passado. Ora eu perguntei-lhe porque é que este ano duas e o ano passado só uma.

— Não é a mesma senhora que oferece?

— E' sim.

— Então?

— E que eram maiores o ano passado!

Não me parece. Não a comi. Deve ter sido comedela do rapaz. Os pasteis são finissimos, na verdade. A viagem é muito longa. Tudo a concorrer para a tentação...!

CARLOS e António, vieram cá passar o feriado de cinco de Outubro. Não sei porquê, fizeram três dias d'aquela dia. O Carlos até fez mais; chegou no sábado de tarde e partiu na quinta de manhã. Ele é funcionário; funcionário do Estado. Queixou-se.

Eu cada vêz ganho menos, disse. Ora eu tinha-lhe ouvido há tempos a faustosa noticia de um aumento de vencimentos, e estranhei os queixumes do rapaz.

— Cado começa a gemer, rapaz.

Pois é. Eles dão á gente por um

lado e levam-no por outro. Agora ganho menos do que ganhava.

Não adiantei coisa nenhuma.

Ele comeu muitas uvas. Tomou muito leite. Andou de bicicleta. Foi vêr a namorada. O resto virá a seu tempo.

AGORA são nabijas. Os da horta não vencem a cortá-las e os cozinheiros a despacha-las. A produção de tomates, ainda está no superlativo. O talho de aboboras-menina rendeu dois centos d'elas, algumas de tamanho descomunal. Cenouras não se fala. A's vezes a merenda é feita d'elas. Tudo rilha.

Conves, são ós feixes. E' a nossa quinta. A mãe terra a dar de comer no seu tempo e com tempo. Nada de pressas. Nada de saltos. Mas tudo vem. Oh beleza!

As sopas são deliciosas. Só a cana dos chefes é que segura os comensais nos seus lugares. Não fora ela, a cana, e as terrinas seriam assaltadas!

ERA domingo. Aos domingos o erguer é às 7 horas. O café às 7 e três quartos e a Missa às oito. Eu estava na capela, joelhos em terra, a preparar a homilia. Era o perdão. O rei que perdoa dez mil talentos a um dos seus servos e este, perdoado, não o faz a um seu colega, por uma dívida dez vezes menor. Estava eu nisto, digo, quando o *Sapo* entra pela porta dentro. Trazia pela mão outro rapaz. Abeiraram-se. Primeiramente muito baixinho. Mal se ouve o que ele diz, de tanto respeito à hora e ao lugar. Mas o *Sapo* aquece. Encrespae. Perde o respeito. Vai direitinho à questão:

Ele que me dá os meus sapatos. Ele roubou-mos.

O outro responde no mesmo tom: eu achei os mas é.

Saíram e eu fiquei no mesmo sítio e posição, a preparar a homilia. Mal tinham feito dois passos e eis que entra o Armando, agora o nosso enfermeiro, com noticias de dois desastres. Tanto estes desastres como o roubo dos sapatos, podiam muito bem ser dirimidos entre eles ou tratados em melhor ocasião, sim. Podiam. Mas eles não sabem esperar. Não podem. E' ansia. E' o à-vontade. A plenitude.

ONTEM, sábado, veio o Sérgio da tropa. Estavamos na eira ocupados com espigas, quando ele apparece rapado e risonho. Tinha-se apresentado no quartel há quatro dias e esta era a primeira vez que vinha a casa.

Cumprimenta e senta-se na borda da eira, aonde eu estava estava, e ao pé de mim. Os companheiros fazem roda. Ele começa, espontâneo:

— Olhe que V. não livre rapaz nenhum. Não peça a ninguém. Deixe-os ir todos.

Todos nós estavamos atentos, eu muito mais, já se vê. O *galucho* continua:

— Deixe-nos ir a todos.

— Ali é que é. Sim é sim. Não é não. E' tudo Tenentes. São muito nossos amigos. Se a gente não aprende às primeiras eles tornam a ensinar. Falam-nos da Pátria. Do amor à Pátria. Nós estamos lá mais de mil.

No grupo dos ouvintes, há alguns doa que bão-de ir no próximo ano. O *galucho* toma-os pelo braço e aquece-os com a sua eloquência. A Pátria, é paredes a meias com a Religião. Assim o disse aqui na aldeia o nosso antigo chefe, agora soldado ao serviço

d'ela. *Nós somos mais de mil*. Mil de vinte anos cada um. Servidos por Officiais que os estimam: *Eles são nossos amigos*. Pois se eles forem, que seja em guerra justa, por um mundo melhor.

Ora eu não frego aos Poderes que nos livres os rapazes, mas que prestem serviço aonde temos casas, isso sim. Isso peço. Pedi por este. Ele havia de seguir para Tomar. Tinha já guia para Tomar. Não foi. Pedirei por outros. Para quê? Para isto mesmo que acabamos de escutar. Que venham todos os sábados à casa paterna e nelas, aos seus companheiros, préguem a verdade

SE pudesse ser o *juinha*. Eu queria o *juinha*. Era para comprar um fato. Assim começou o Arouca dos porcos esta manhã, quando eu appareci nas pocilgas, à hora em que o rapaz dava de comer aos animais.

Se pudesse ser o *juinha*. Ora vamos a traduzir. *Juinha*, é o refugio de uma das últimas ninhadas. Enquanto os mais crescem ele fica sendo o miúdo e ainda hoje, muito maior, é o mais pequeno de todos. O Arouca pede-o para si. Pede o de menos valor. Não se atreve a fazê-lo com um dos grandes. E' humilde. Reconhece a sua situação de servo.

Pede para comprar um fato com o produto da venda, pelo que ele der na feira. *Pra um futinho*. Acomoda-se com pouco. E' feliz. Nem riqueza que desorienta nem pobreza que chegue à fome. O preciso. O suficiente. Se verdadeiramente somos de Cristo e nos dizemos com verdade cristãos, esta doutrina é a nossa doutrina.

Eu disse que sim. *Sim rapaz*. O *juinha* é teu. Gosto tanto de dar o sim. Gostaria que todos eles me dissem em tal tempo e condições, que a todos pedesse dizer sim. Gostaria. Mas não. A's vezes, muitas vezes, vai o não. Doi mais a mim do que a eles, e esta minha dôr, é que lhes faz. Não resmungam nem se dão por vencidos. Convencem-se. E' a dôr. A dôr é um acto espiritual, por isso remédio das almas. Não falo da dôr de dentes, já se vê!

Arouca, tem cá um seu irmão, que veio há tempos dar à nossa aldeia, pelo seu pé, assim como aquele o houvera feito, noutros tempos. São amissimos. O mais recente, acabada a sua obrigação nos campos, ajuda o antigo a tratar dos porcos. E' ao domingo, como nos campos se não trabalha, ele dá-se inteiramente ao seu irmão mais velho. Manhãzinha, e veem-se os dois nas pocilgas a falar aos porcos. Ameigar. Buscar de comer. Fazer limpeza. E depois muito juntinhos, tomam a bola e vão brincar. O domingo é deles, e eles são um do outro. Parecem ambos de um ventre, mas não. São do mesmo ventre, sim, porém não do mesmo pai...! Como a carne derranca a beleza! Oh pecado, quem te comprehendera!

UNS dos porcos, outros das pombas. Toda a obra da criação, por ser de Deus, é perfeita; tanto valem porcos como pombas.

O *Piriquito*, trata das pombas! O ornamento da nossa aldeia:—O céu e elas! Nos telhados às carioias, nos jardins a catar erva, nas avenidas a conversar,—as pombas da nossa aldeia!

Piriquito, faz limpeza, põe água dá de comer. De onde está, berra por mim muitas vezes: *chegue á janella*. Eu ohogo, e ele torna a berrar: *Veja*. São elas. Eu hei-de participar, ser testemunha do extasiado.

(Continua na página seguinte)

ISTO É A CASA DO GAIATO

(Continuação da página anterior)

Piriquito, de longe a longe, vem-me pedir para ir fora, longe, confessar-se. E nomeia o lugar da terra o o nome do sacerdote.

Vai, mas olha lá! Eu tremo destes pedidos. A minha profissão é amar e tremer. *Piriquito*, prescrua, compreende o meu recoio, alivia-me. Não tenha medo. Eu vou para o que vou. E vai. Vai a léguas de distância.

São as pombas! Enquanto não aparecem padres suficientes e loucos na Obra da Rus, estão as pombas: *Chegue à janela*. Enquanto a inteligência da Cruz não levar mais padres à loucura, estão as pombas: *Veja*.

Eu cá morro por pombas. Por todas, mas pelas nossas, mais. Elas enchem a Sagrada Escritura. Os Sacerdotes, dantes, tinham a figura de pombas e a porta, era o peito delas. Os mestres da vida espiritual, pregam-nas. Só um Deus Onnipotente, é capaz de produzir tais encantos na natureza! E estes encantos da natureza, podem ajudar, e ajudam, a erguer almas para o Criador.

VIERAM fazer o seu fim de semana à nossa aldeia, o Prata e o Adriano e o Carlos, este ilustre funcionário e os outros, prestimosos em-

pregados do comércio. Por causa dos fatos e das maneiras, são cá chamados pela malta os *senhores doutores*. Abançam à mesa nos seus antigos lugares e dormem onde pode ser.

O Camilo, que já não se encontra cá, mas é nosso, veio também da Póvoa de Varzim, fazer o seu fim de semana. Como os do Lar do Porto, também ele tomou à mesa o seu antigo lugar e à noite foi-se embora. *Olha o Camilo*, era o grito unânime e universal.

HOJE houve aqui um grande desafio. Os nossos, afeitos a ganhar, foram para o campo em ar de triunfo. O Carlos, pediu-me licença para fazer a crónica. Perderam.

—Dá-me a crónica.

—Não a fiz.

—?!

—Não tonbo nada que dizer.

E pronto. Como este, todos os nossos cronistas.

RETIRARAM para os seus novos empregos em Coimbra, o Zé Sá mai-lo Ernesto. Instalam-se na Cumeada, aonde temos o Lar do Gaiato de Coimbra, com uma já importante população. Não sabiam aonde era a cidade. Não sabiam aonde era a Cumeada. Não sabiam nada e nada lhes foi preciso. Atinaram. Se não

havam de atinar, eles, todos, que dantes só se enganavam nos caminhos porque falsos, *mas* atinavam sempre!

CHEGOU o Chico de Ramalde. O adorável. Tem 7 anos. Sete anos de poeira gloriosa. A primeira coisa que fez, quando chegou, foi cair de um muro, pelo que teve de baixar ao hospital, esfarrapado. Três semanas detido no leito. Oh trabalhos! Quem é que o segurava?!

Sarado, entra no regimento da casa! Vem o domingo e ele pede tostões ós senhores. Adorável como é, quem resiste? A' noite, e perguntado pelo dinheiro, — que não. Não tem nada. Ninguém lhe deu coisa nenhuma.

—Ora tira os sapatos. O rapaz tira os sapatos e nada.

—Ora tira as meias. O rapaz tira as meias e...!

—Que dizes, Chico?

—Era pra não o perder!

O tribunal daquela noite, baseado na lição da rua que o Chico deu a todos, foi para todos uma lição da nossa Casa.

O Zé Eduardo, hoje um estudante auspicioso na cidade dos doutores, era assim quando aqui chegou. Precisamente assim. Espera-se que o Chico, daqui por quatro anos, seja precisamente como o Zé Eduardo. Eles são irmãos. Poeira gloriosa.

Tenho sólidas razões para assim supôr. Ora vejamos: No tribunal, foi caçado o dinheiro ao faltoso, e a seguir, eu dei-lhe o mesmo dinheiro, amorosamente. *Pega lá, é teu*. A creança hœita. A assistência aorri pelo castigo dado. Eu insisto: *Tom; é teu*.

No dia seguinte, às sete menos um quarto, sai a tropa das suas casas, como de costume. O faltoso é da casa IV. Eu passeava ali perto, a fazer a minha preparação para a Missa.

Ai vem o adorável ter comigo, com mais carinho e amor do que eu tinha no peito, quando ontem lhe falei. Mais carinho e amor, sim. Ninguém ama como as crianças. Soubessemos nós ama-las!

Quer-me dar o dinheiro. Não o trazia agora escondido com a inteligência do mal, nos sapatos. Trazia sim na palma da mão. *Tom o dinheiro*. Risonho, confiante, alma cheia: *Eu não quero este dinheiro*. Poeira gloriosa.

Oh mundo, arrepende-te. Oh mundo, ama.

Oh mundo, fecha os calaboiços à Criança e abre-lhe as portas do teu coração.

CHEGUEI naquela manhã de Lisboa, tendo feito viagem no correio da noite. No Porto, topo o Avelino! Grande coisa deve ter acontecido na Aldeia, para vir um emissário ao meu encontro, disse eu. Que teria sido?!

O rapaz aproxima-se. Eu nem respiro, com medo de perguntar. Oh apertos!

Avelino diz. Um pintassilgo. Quer dinheiro para comprar um pintassilgo. E desenvolve: E' que agora é o tempo deles. Andam muitos pelos nossos campos, e nós queremos um que chame e assim temos o nosso aviário com muitos passarinhos.

Dei-lhe dinheiro. Ele foi ao Bolhão e eu à minha vida. A's tantas, juntamo-nos para regressar à aldeia. Lá tinha o rapaz o seu pintassilgo mai-lo alcapão: — *Agora é que vai ser pintassilgos; eles caem aqui todos*.

Por um lado, gosto que assim aconteça; que se tentem agora com passarinhos os mesmos que dantes se tentavam com outras coisas. Porém, agucem os senhores assinantes a sua paciência e desculpem prováveis erros de endereço. São os pintassilgos.

== Casa do Gaiato de Lisboa ==

(Continuação da 2.ª página)

que os rapazes experimentam nas lides do campo. Eles prendem-se. Eu sou testemunha. Tanto mais gozo de o ser, quanto é certo o temor que antes tinha, de não segurarmos o garoto de Lisboa no Tojal, pela distância ser curta. Pretendemos dar à Obra uma feição agrícola. A terra! A cultura! Fonte inexgotável de surpresa para estes rapazes da rua! A vida a misturar-se com a vida!

Se nós tivéssemos facilidades de dinheiro, mandaríamos este ano dois rapazes de Paço de Sousa para a escola agrícola de Santo Tirso. Eles haviam de ser os mestres. Fizeram este ano a 4.ª classe. Andam no campo desde pequeninos. Amam a vida. Que mestres não seriam eles! Mas quê: Primeiro o pão.

Tanta coisa boa que a gente deixa perder por falta de meios, — tanta! Mas continuemos com Lisboa e a Casa do Tojal. Com os nossos meios, compramos um carro de bois, tendo procurado a terra aonde eles se fazem mais em conta. Foi em Miranda e custou dois mil escudos. Em Loures custava o dobro. A gente poupa o nosso dinheiro. Bois, como é sabido, temos. Outras alfaias, — não.

Não é racional. Não é humano. Não é cristão que os leitores de Lisboa nos prendam os braços, uma vez que às portas da cidade, lançamos bases sólidas de uma Empreza de interesse da comunidade. Interesse espiritual. Caudal de verdadeira riqueza. Se podemos trocar o garoto sujo e perigoso por um homem útil à nação, todos se devem interessar no *negócio* porque a todos eles diz respeito. A Obra está lançada. Haja obreiros.

Não se trata de tirar o rapaz da rua. Os polícias também o fazem. Trata-se, mas é de tornar uma criança feliz, de triste que era. A criança a falar, a rir-se, a discutir, a trabalhar por amor.

Ontem, chegaram mais tarde ao refeitório o Daniel e o Pernas e o Marco. Mais tarde um quarto d'hora. Perguntei: *Estivemos a pensar o gado*.

Trabalho desta qualidade, com esta devoção. Estes três eram da rua. Nunca trabalharam. Era o mal deles e o mal nosso. Hoje, deixam o seu jantar pela sua obrigação: *Estivemos a pensar o gado*.

Evidentemente que não é com os recursos que os leitores da capital nos vão dar, que a gente opera estas maravilhas. Nada disso. O dinheiro, como dinheiro, é uma miséria. Mas a verdade é que sem ele, nós não podemos colocar o rapaz no caminho de se encontrar e de se valorizar.

Nós não pedimos arrecadas nem aneis. Não ditamos leis de segurança pública. Lançamos o pregão amoroso e pacífico aos homens de boa vontade: as vossas sobras. As vossas sobras. As vossas sobras, oh Lisboaetas.

Alfaias. Todas as alfaias agrícolas para uma quinta de dezoito hectares, aonde já temos uns bois e um motor a tirar água e cinquenta trabalhadores prontos a manejar as ferramentas.

Cura saudável da alma destas crianças que o sangue e a rua derancaram. Que nós derrancamos. E' uma restituição.

O Governo, deu-nos a quinta do Tojal a título precário. Está bem. Precário é o próprio governo. Precários são os homens. Precário é o mundo. Mas aquela Restituição, não. Não senhor. Quem trabalhar, quem auxiliar, quem se consumir por ela, não é precário.

Deixo aqui ficar, como remate feliz, as palavras que me vieram há pouco das nossas possessões ultramarinas, aonde um Assinante ganha o seu pão. E' ele que fala. Ora escutem: «Que sejam os seus rapazes o vínculo da vontade popular, não só à acção cristã que sob o seu impulso se desenvolve, mas também aos restantes aspectos da vida social».

Não conheço este Senhor. Não é preciso. Conhecemos nós todos aquela doutrina.

Notícias da Casa do Gaiato de Lisboa

1 Vendemos quatrocentos e cinquenta jornais do último número. Vamos pedir mais cento e cinquenta. O Estoril vai-se aproximando de Lisboa, já são duzentos que temos que levar, parece que não fica por aqui. A primeira vez que lá fui levei 55. Em Lisboa também foi a mesma coisa começou com oitenta e agora já vai em 300 mas há-de chegar aos mil. Entre todos trouxemos mil e setenta escudos. Mas o que mais nos alegrou foi a bicicleta que nos deram. Nem vale a pena dizer quem foi: foi a senhora dos bois. E' uma de passeio ou seja de turismo. Ela está quasi nova, só de calçado é que está um pouco pior. Também nos deram a balança que eu pedi, mas como foi no Porto e lá não tinham também, ficou para lá e a senhora ficou a ver navios.

2 Aqui há dias houve um tribunal a respeito das divisões do trabalho. Para os que são muito amigos não andarem juntos o senhor P.º Adriano começou a perguntar: O' careca qual é o teu maior amigo? e ele responde é o Câmuro. — Então passa tu para as ervas e o Câmuro para o campo. Chegou a altura de perguntar ao José Maria — qual é o teu maior amigo e ele também responde muito depressa é o prato da sopa. A malta ria-se até se escangalhar.

3 Começou no dia 7 de Outubro a nossa escola. Para ela caminham todos os gaiatos que cá estão. Só da 1.ª classe são 37, todos os batatas fazem o primeiro grupo. O segundo

grupo é constituído por alguns da 1.ª classe e os da quarta e terceira. E o terceiro que é o da noite é pelos trabalhadores do campo, das oficinas e pelos mesmos quarta e terceira do segundo. Compramos alguns livros, cadernos, pedras e etc. Estamos a dever tudo na Papelaria Fernandes; quem quizer pode lá ir pagar. Mas estes artigos ainda não chegam porque dentro em breve passam para a segunda uns sete ou oito rapazes e não têm ainda livros nem cadernos.

4 As nossas laranjeiras estão com uma enchente formidável. As laranjas começaram a pintar. Alguns dos rapazes já as vão comendo mesmo sem estarem maduras. Todos os dias à noite se faz um tribunal por causa disso.

5 Um dia destes veio cá o tio do testa de ferro visitá-lo. Foi num domingo de manhã e logo que entrou e o viu disse-lhe: — anda com a gente para a taberna e ele disse não! agora já não ando nisso e por mais que o tio teimava, não conseguia que ele fosse para a taberna. Depois de passar por aí umas horas, o tio mandou-o chamar, para o levar. Vá-se embora que eu não vou, estou cá muito bem. Se não queres ir não me chames mais tio. Deixá-lo, disse o testa-de-ferro. Você quer que eu passe outra vez fome? E não foi. Quem o recomendou para cá disse que ele dormia debaixo dos barcos no rio Tejo. Por se lembrar disso é que ele não quis ir embora.